



Rodrigo Conçole Lage*

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar um estudo do poema *¿Para qué viniste?* de Gabriela Mistral. Examinaremos como o tema do amor materno foi trabalhado, a partir das análises da filósofa francesa Elisabeth Badinter. Com essa finalidade, dividimos nosso texto em três partes. Na primeira, apresento uma definição do poema em prosa, visando diferenciá-lo da prosa poética. Na segunda, apresento uma síntese das análises de Badinter sobre o tema. Por fim, analisamos o texto, partindo do princípio de que é uma representação do mito do amor materno.

Palavras-chave: Gabriela Mistral. Poema em Prosa. Amor Materno. Poesia Chilena.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a study on the poem *¿Para qué viniste?* by Gabriela Mistral. We will examine how the theme of motherly love was worked, from the analysis of the French philosopher Elisabeth Badinter. For this purpose, we divide our text into three parts. In the first, I presented a definition of the poem in prose, aiming to differentiate it from poetic prose. In the second, presenting a synthesis of the analysis by Badinter about the theme. Finally, we analyze the text, assuming that it is a representation of the myth of maternal love.

Keywords: Gabriela Mistral. *Poem in prose. Maternal Love. Chilean poetry.*

1 INTRODUÇÃO

A poeta chilena Gabriela Mistral, vencedora do prêmio *Nobel* de Literatura de 1945, ainda é pouco conhecida e estudada entre nós. Com o objetivo de contribuir para preencher essa lacuna iremos estudar um de seus poemas. A escolha foi baseada na importância do tema da maternidade dentro do conjunto de sua produção. Patricia Rubio (1995, p. 159-161), por exemplo, elaborou uma listagem bibliográfica sobre o assunto na seção de estudos temáticos de sua obra *Gabriela Mistral ante la crítica: bibliografía anotada*. Além disso, também foi abordado de forma secundária em muitas outras obras.

Por ser um poema em prosa, iniciamos nosso artigo com um estudo do gênero, visando sua definição. Como referencial teórico sobre o assunto, adotamos a definição de Luis Ignacio Helguera. Na sequência, examinamos o conceito de amor materno a partir dos estudos de Aminatta Forna e Elisabeth Badinter. Elas procuram desconstruir a visão tradicional sobre o assunto e defendem a idéia de que esse sentimento não é algo inato da mulher, mas foi

* Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL).

construído pela sociedade. Por fim, analisaremos o poema com o objetivo de identificar como esse amor foi representado por Mistral.

Ao mesmo tempo, procuramos demonstrar como, apesar de alguns críticos a classificarem como uma feminista, ela tem grandes divergências em relação ao movimento:

A presença da luta das mulheres pela igualdade, a reivindicação dos direitos civis, incluindo a educação, e trabalhistas – assim outros temas afins – não poderiam faltar dentro de sua proposta de reivindicação das liberdades políticas. O que a levou também a trabalhar a questão da mulher poeta, que está inserida num território eminentemente masculino e, de forma mais ampla, a da mulher artista. Mas isso não quer dizer que a poeta deva ser vista como uma feminista. Mistral apoiou algumas de suas lutas e escreveu alguns textos sobre elas, mas, ao mesmo tempo, entrou em conflito com algumas feministas da época e se posicionou contra algumas de suas causas. Ela, por exemplo, “defendeu a maternidade como anterior a qualquer outro trabalho feminino” (HUTT, 2010, p. 14, tradução nossa), o que vai contra uma das principais lutas do feminismo (LAGE, 2015, p. 131).

2 A DEFINIÇÃO DE POEMA EM PROSA: UM EXAME DA QUESTÃO

Antes de estudarmos o poema de Mistral precisamos discutir a questão do gênero literário no qual se enquadra. Essa discussão se faz necessária porque, em diferentes trabalhos sobre o assunto, a definição do que é o poema em prosa é ambígua e se confunde com a da prosa poética. Não temos a intenção de realizar um exame exaustivo da questão, o que fugiria aos limites de nosso artigo, mas apresentar uma definição a partir da qual o texto possa ser analisado e que permita a diferenciação entre os dois gêneros.

Segundo Lilian Engracia (2009, p. 13), “uma das principais características do gênero poema em prosa é que ainda hoje não existem regras fixas para defini-lo e orientá-lo. Cada grande poeta que se aventurou nesse gênero, colocou suas regras, sua temática, sua estrutura própria”. Essa diversidade faz com que as definições feitas a partir das características presentes nos próprios textos sejam problemáticas. Partindo desse princípio, consideramos que uma definição que parta da intencionalidade do autor, explícita (por meio do título do livro, de prefácios, notas, etc.) ou implícita (deduzível a partir do abandono do verso), pode contribuir para eliminar algumas das dificuldades da classificação.

Ao estudar o gênero, Benigno León Felipe (1999, 1 v., p. 10-11, tradução nossa) afirma que “o ritmo da frase, as associações sonoras, as combinações léxicas, as imagens, isto é, todos os recursos poéticos, com a única exceção dos específicos dos versos,

não são exclusivos da forma versificada e podem ser alojadas na prosa”. Consequentemente, um texto não deixa de ser um poema porque se abandonou a utilização do verso. Por outro lado, um relato em prosa não deixa de ser prosa porque alguns recursos poéticos foram utilizados na sua escrita. Adotando-se esse ponto de vista, podemos dizer que o poema pertence ao gênero porque o autor teve a intenção de escrevê-lo dessa forma.

Luis Ignacio Helguera, um importante estudioso da questão, segue essa mesma linha de raciocínio ao defini-lo como um texto no qual “a poesia não se introduz na prosa como um ingrediente, mas que se expressa em prosa, se torna prosa sem deixar de ser poesia” (PEÑA, 2002, p. 13, tradução nossa). Dentro desse critério ele se diferencia da prosa poética porque nesta a poesia é um mero ingrediente acessório. Consequentemente, a “prosa poética é uma prosa em que se recorre a procedimentos poéticos como a imagem, a metáfora, a estrutura paralelística, etc.” (HELGUERAPARTE, 1993 apud Idem, tradução nossa).

Mas, o fato da classificação depender da intenção do autor não quer dizer que não existam algumas características que sejam comuns aos diferentes poemas. Os críticos destacam, por exemplo, a presença da liberdade formal conquistada graças ao abandono do verso e, consequentemente, das regras de versificação. Contudo, por maior que seja a importância dessa liberdade, por si só, ela não pode ser considerada um elemento definidor. Isso ocorre porque também está presente, por exemplo, na prosa poética e no verso livre, gêneros com os quais costuma ser confundido.

Outra característica comumente destacada é a brevidade, que se associa a concentração e a unidade estrutural do texto. Para Lilian Engracia (2009, p. 13-14), “características como brevidade, intensidade, supressão do que é supérfluo estão presentes nas mais variadas obras” Como esta noção é muito genérica há quem tenha demarcado *limites* estritamente *definidos*. Benigno León Felipe (1999, v. 1, p. 79, tradução nossa) afirma que “segundo John Simon (1965: 664), a extensão do poema em prosa, em general, oscila entre meia e três ou quatro páginas, que é a média de um poema lírico normal”.

Consideramos essa delimitação válida pois se adéqua aos poemas encontrados em *Le Spleen de Paris* de Charles Baudelaire ou aos do *Gaspard de La Nuit* de Aloysius Bertrand, por exemplo. Além disso, é uma forma de diferenciá-lo de outros gêneros poéticos que também se caracterizam pela brevidade. Por outro lado, combinado com outros critérios, pode contribuir para diferenciá-lo do conto, gênero com o qual algumas vezes é confundido. Problema existente, por exemplo, nos estudos dedicados ao livro *¿Águila o sol?* de Octavio Paz (LAGE, 2016).

Já a presença ou não de recursos poéticos – tais como a metáfora e a antítese, por exemplo –, varia de um poema para o outro. Com isso, eles não podem ser, individualmente, adotados como regra geral. Em suma, por tudo o que foi dito, acreditamos que, a partir da intenção do autor, surge o poema em prosa. É um texto breve, no qual temos a substituição do verso pela prosa, no qual o poeta utilizará diferentes recursos poéticos, à sua escolha. Ao adotarmos essa definição não pretendemos fechar a questão. Acreditamos que, no decorrer da própria evolução do gênero, vão surgir poetas que irão romper, de uma forma ou outra, com esse modelo, que podemos chamar de tradicional.

Nesse sentido, seja a partir da intencionalidade, seja a partir das características formais, toda classificação do gênero é problemática e passível de críticas. Estando, por isso, sujeita crítica e a futuras revisões. Na próxima seção iremos tratar da questão do amor materno.

3 PROBLEMATIZANDO A NOÇÃO DE AMOR MATERNO

O que é o amor materno? Antes do surgimento do feminismo e de seus questionamentos a respeito do lugar da mulher na sociedade havia um consenso na sua definição. Ela foi baseada no chamado mito da mãe perfeita, na ideia de que, por natureza, ela é totalmente devotada aos filhos. Juntamente com o marido, eles são o centro de sua vida. Segundo Aminatta Forna (1999, p. 11):

O mito da maternidade é o mito da 'Mãe Perfeita'. Ela deve ser completamente devotada não só aos filhos, mas a seu papel de mãe. Deve ser a mãe que compreende os filhos, que dá amor total e, o que é mais importante, que se entrega totalmente. Deve ser capaz de enormes sacrifícios. Deve ser fértil e ter instinto maternal, a não ser que seja solteira e/ou pobre, e nesse caso será aviltada precisamente por essas condições. Acreditamos que ela é a melhor, e a única capaz de cuidar corretamente dos filhos, e que eles exigem sua presença contínua e exclusiva. Ela deve incorporar todas as qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade, tais como acolhimento, ternura e intimidade. Queremos que ela seja assim e é assim que tentamos fazê-la.

Ou seja, esse conceito está intimamente relacionado à questão da condição feminina dentro da sociedade, ao modelo de mãe construído pela sociedade e que toda mulher deve adotar. Essa constatação gera a seguinte pergunta: Esse sentimento seria algo inato ou deve ser encarado como uma construção social e cultural? A partir da problematização dessa questão, dentro do feminismo, nasceu o livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*,

da filósofa francesa Elisabeth Badinter, obra publicada em 1980. O objetivo da autora era combater a noção de que toda mulher nasceu para ser mãe, partindo do princípio de que esse sentimento foi inventado, não faz parte da natureza da mulher:

Mais precisamente, os defensores do amor materno "imutável quanto ao fundo" são evidentemente os que postulam a existência de uma natureza humana que só se modifica na "superfície". A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência (BADINTER, 1985, p. 14).

Podemos então dizer que, do ponto de vista da autora, esse sentimento não é algo inato, não faz parte da natureza da mulher desde o nascimento. Mas, se adotarmos a ideia de que tal sentimento não está universalmente presente em todas as mulheres, desde seu nascimento, poderemos dizer que é um fenômeno historicamente datado? Podemos dizer que, dentro de um ponto de vista histórico, as relações entre as mães e seus filhos sofreram transformações? Do ponto de vista do feminismo, a resposta a essas perguntas é um sim. Por exemplo, segundo Mariana Moura Magalhães (2012, p. 33):

Sem dúvida, como resultado do desejo de uma mulher, a presença de um filho, na maioria das vezes, gera sentimentos positivos e prazerosos que estarão presentes na relação da mãe com o filho. Contudo, o modo pelo qual se estabelece essa relação também será resultado do meio, isto é, o contexto também irá fundamentá-la. Dessa forma, as representações do amor materno poderão variar radicalmente em suas concepções. Autores como Badinter (1980), Ariès (1981), Forna (1999) e outros mostram o quanto a relação maternal apresentou formas diferentes em momentos diferentes.

A partir do que foi dito, iremos analisar o poema de Gabriela Mistral. Como já foi dito, nosso objetivo é identificar a concepção de amor materno presente no texto, a partir do que foi discutido nessa seção, e como se associa ao mito da mãe perfeita. Isso nos permitirá discutir as aproximações e divergências da autora em relação aos ideais do movimento feminista.

4 ¿PARA QUÉ VINISTE?: UMA REPRESENTAÇÃO DO AMOR MATERNO

¿Para qué viniste?

¿Para qué viniste? Nadie te amará, aunque eres hermoso, hijo mío. Aunque sonries como los demás niños, como el menor de mis hermanitos, no te besaré sino yo, hijo mío. Y aunque te agites buscando juguetes, no tendrás para tus juegos sino mi seno y la hebra de mi llanto, hijo mío.

¿Para que viniste si el que te trajo te odió al sentirte en mi vientre?

¡Pero no! ¿Para mí viniste; para mí, que estaba sola hasta cuando me oprimia él entre sus brazos, hijo mío!

Gabriela Mistral (MISTRAL, 1951, p. 179)

O poema foi publicado originalmente no livro *Desolación*, sendo um dos dois *Poemas de la madre más triste*. Na tradução de Henriqueta Lisboa (MISTRAL, 1969, p. 156) o título foi substituído pelo nome da seção. Não utilizaremos sua tradução devido a algumas diferenças existentes em relação ao original. É um poema na primeira pessoa, composto de três parágrafos de tamanho diferente. No primeiro, o maior deles (5 linhas), temos o eu poético, uma mãe, perguntando retoricamente ao filho recém-nascido o motivo dele ter nascido. Na sequência, temos um jogo de contrastes nas três afirmações feitas por ela. Seu objetivo é demonstrar que, mesmo não sendo amado pela sociedade, ele tem o amor da mãe. Em suma, temos aqui a apresentação do sofrimento da criança e o questionamento sobre o motivo de ter nascido.

No segundo, o menor dos três (1 linha), o eu poético pergunta novamente para o filho o motivo de seu nascimento, pois foi odiado pelo que o trouxe a vida enquanto estava em sua barriga. Podemos então dizer que este parágrafo serve de explicação para a situação descrita no primeiro. Ele revela que a situação vivenciada pelos dois começou com sua gravidez. Por fim, no terceiro, o segundo maior (2 linhas), o eu poético rejeita esse estado de dúvida e responde a própria pergunta dizendo que ele nasceu por ela. Ou seja, o eu poético responde a pergunta do primeiro parágrafo e aponta para a futura superação de sua dor graças a presença do filho. A partir do que foi dito, podemos dizer que o poema possui a seguinte estrutura:

4.1 SOFRIMENTO – EXPLICAÇÃO DE SUA ORIGEM – SUPERAÇÃO DA DOR

Essa estrutura pode ter sido baseada na ideia de salvação presente no cristianismo. Nesse sentido, afirma Kamilla Kristina (2008, p. 1251): “O que se percebe durante a leitura da

obra de Gabriela Mistral é que o conhecimento da Bíblia e de Deus corroboram a escritura da poeta [...]”. Para os cristãos o ser humano que sofre no pecado descobre a causa desse sofrimento e o modo como pode ser salvo, direta ou indiretamente, através da Bíblia. Assim, ao aceitar a Jesus como seu salvador se obtém a salvação. O poema de Mistral segue esse mesmo padrão, o que nos permite comparar a criança a Jesus, no seu papel salvífico.

Como já foi dito anteriormente, “características como brevidade, intensidade, supressão do que é supérfluo estão presentes nas mais variadas obras” (SANTOS, 2009, p. 13-14). O poema de Mistral apresenta essas características básicas, que vão estar intimamente associadas a essa estrutura de base religiosa. Essa ligação contribui para a criação do efeito buscado pela autora. Nesse sentido, temos a unidade rítmica e semântica que foi construída por meio da repetição de palavras. Mistral pretendia, com isso, reforçar a intensidade do drama vivido pelo eu poético.

A repetição do ¿*Para qué viniste?* revela e intensifica a angústia gerada pelo isolamento do filho, como veremos no decorrer deste artigo. A do *hijo mio* aponta para a centralidade da criança em sua vida, fato reforçado pela do *mi* e a do *para mí*. E, com a do *aunque*, podemos perceber como a falta de amor seria injustificada, pois, na sua concepção, outras crianças são amadas por terem as mesmas características que ele possui. Consequentemente, o isolamento social que estão vivendo não é devido a algo de negativo presente na criança, mas deve ser procurado fora dela.

A situação vivenciada pelo eu poético nos permite uma comparação com o poema em prosa de Pierre Reverdy chamado *Le Bilboquet*. Nele, “o tormento que envolve o sujeito do poema também provoca um desconforto no leitor, que se sente incomodado com o isolamento do eu-poético” (SANTOS, 2009, p. 81). No de Mistral o leitor tem a mesma sensação. Porém, é mais pelo isolamento da criança do que pelo sofrimento do eu poético propriamente dito. No de Mistral, sua dor é sublimada quando exclama: “¿*Para mí viniste; para mí, que estaba sola hasta cuando me oprimia él entre sus brazos, hijo mío!*”.

Observando o título do poema vemos que é uma pergunta retórica, repetida no início do primeiro e do segundo parágrafos, que a mãe dirige ao filho recém-nascido. Valtencir Alves (2008) define esse tipo de pergunta como sendo “aquela que não exige resposta; seu objetivo é forçar o leitor a respondê-la mentalmente e avaliar suas implicações”. Portanto, ao mesmo tempo em que o eu poético reflete sobre o motivo de seu filho ter vindo ao mundo, a poeta quer levar o leitor a refletir sobre a questão. Na sequência, iremos analisar cada parágrafo do poema.

No primeiro, vemos o drama e a angústia da mãe por saber que, mesmo sendo merecedor do amor de outras pessoas, seu filho não era, pelo contrário. Ela lhe diz que, mesmo sendo formoso, não era amado por ninguém. Se pensarmos que a posse da beleza sempre foi considerada um motivo para se ser amado, o motivo para não ser amado teria de ser muito forte, o que leva a pergunta sobre o que teria gerado essa situação. Talvez seja pela situação em que foi gerado, já que o próprio pai o odiou quando soube que ela estava grávida.

Isso explicaria o fato dela dizer que, mesmo sorrindo, e ela o compara ao menor de seus irmãos, não seria beijado por ninguém além dela. Podemos então concluir que seus familiares rejeitaram a criança. Talvez esperassem que ela não tivesse a criança ou que a abandonasse. Contudo, o amor materno é tão grande que, apesar da rejeição da criança pela sociedade, ela continuaria amando, mesmo tendo de enfrentar a sociedade que o rejeita.

Vemos nessa mãe uma representação do que foi dito anteriormente sobre o mito da mãe perfeita: “Ela deve ser completamente devotada não só aos filhos, mas a seu papel de mãe. Deve ser a mãe que compreende os filhos, que dá amor total e, o que é mais importante, que se entrega totalmente. Deve ser capaz de enormes sacrifícios” (FORNA, 1999, p. 11). Ela não só tinha de enfrentar a rejeição do filho pela sociedade, mas também tinha de carregar o sofrimento de vê-lo nessa situação. Além disso, possivelmente ela também seria desprezada por ter tido a criança. Comentando a importância da maternidade para Mistral, e como isso levou a uma séria divergência com o movimento feminista, afirma Grace Prada Ortíz (2010, p. 59, tradução nossa):

Gabriela Mistral sucumbiu de maneira consciente ao discurso da maternidade e contribuiu com seu pensamento, expressado na poesia e em ensaios, a fazer da maternidade o ideal de ser mulher e para o qual, nós todas devemos viver. Mistral encontrava na maternidade a maior realização para as mulheres, talvez porque ela nunca foi mãe e porque nas sociedades patriarcais de sua época era a única opção louvável que atribuíam as mulheres. Então, tudo o que pudesse desviar ou separar a as mulheres de suas atividades de mãe e formadora, preocupava enormemente a Mistral; é por isso que, em diferentes momentos, discordou das lutas das feministas e, especialmente, da incorporação das mulheres a trabalhos duros e degradantes, segundo seu critério.

Por fim, o eu poético afirma que, por mais que seu filho agite seus brinquedos não terá ninguém para brincar, pois tem só o seu seio e o fio de suas lágrimas. Ela pode estar querendo dizer que as outras crianças não brincarão com ele porque não querer e/ou porque os pais não irão deixar. Por tudo o que foi dito podemos dizer que seu filho está condenado a um completo isolamento social, por razões que não são explicitadas no texto.

No segundo parágrafo, composto de uma única linha, volta a questionar o do motivo dele ter nascido. Além da solidão a que estava condenado, também era odiado pelo homem que lhe deu a vida. Chama a atenção o fato de não chamá-lo de pai, provavelmente por não exercer esse papel (ou não ter, em relação ao filho, os sentimentos que se esperaria dele), sendo apenas quem o gerou. Apesar do eu poético não explicar o motivo desse ódio, ele pode estar relacionado ao seu nascimento. Ela poderia ser uma mãe solteira, que engravidou de um namorado ou de um homem casado, por exemplo.

Desolación foi publicado em 1922 e, pela mentalidade da época, uma jovem ou adolescente que vivenciasse uma das duas situações seria alvo de críticas. Tal fato se evidencia na nota que acompanha os *Poemas de la madre más triste*, e que infelizmente não foi incluída na tradução. Nela a poeta explica o que a motivou a escrevê-los. Gabriela Mistral comenta o fato de ter visto uma mulher grávida, com expressão de amargura, numa rua miserável de Temuco. Um homem, ao passar na sua frente, a ofendeu. Gabriela não cita o que foi dito, mas provavelmente foi uma ofensa por estar grávida solteira.

Diante desse acontecimento, se sentiu solidária com a outra porque eram mulheres. Ao mesmo tempo, pensou que, como os homens não o disseram, uma mulher deveria dizer “a santidade desse estado doloroso e divino” (MISTRAL, 1951, p. 180, tradução nossa), mesmo quando fora dos padrões aceitos pela sociedade, isto é, fora do casamento. Mas, ao contrário do que esperava, não foi compreendida: “Algumas dessas mulheres que para ser castas necessitam fechar os olhos sobre a realidade cruel, mas fatal, fizeram um comentário ruim destes poemas, que me entristeceu, por elas mesmas. Até me insinuaram que os eliminasse de um livro.” (Idem).

Como Mistral defende a ideia de que a arte tem uma missão, a de embelezar todas as coisas, escrever sobre tal assunto, a gravidez fora do casamento, seria uma forma de purificá-lo. Por isso, afirma que escreveu os dois poemas com “uma intenção quase religiosa” (Idem). Contudo, apesar do lamento o eu poético não faz nenhuma crítica ou revolta contra a sociedade patriarcal em que está inserida ou em relação a atitude do pai da criança. Ela simplesmente sofre com a falta de amor na vida de seu filho. Nesse sentido, a poeta vai contra o feminismo, que busca combater esse tipo de atitude em relação a mulher.

O poema não tem um caráter apologético, não procura incentivar a lutar contra o *status quo*, não procura abrir os olhos de outras mulheres para a situação de opressão em que vivem. Ele revela certa resignação diante do sofrimento devido a consolação oferecida pelo fato de ser mãe. Essa postura pode estar associada à influência do cristianismo. Não podemos esquecer que, além de ter sido muito influenciada pela Bíblia, “a temática religiosa também

está presente em sua poesia e nos textos em prosa, sendo uma das características centrais de sua produção” (LAGE, 2015, p. 130).

Podemos, então, ver no eu poético certa resignação diante do sofrimento de matriz cristã. Segundo o padre Curzo Nitoglia (2012), “a realidade deve ser aceita integralmente, seja agradável ou desagradável. Isto não significa passividade diante da adversidade, mas a sua aceitação plena e positiva, por amor a Deus”. Esse fato é demonstrado no último parágrafo, no qual vemos a resposta dada a pergunta inicial. Ela explica ao filho que ele nasceu para ela, para consolá-la na sua solidão, quando o apertava em seus braços.

Assim, podemos considerar que a rejeição ao filho foi consequência de uma rejeição a ela, por ter engravidado. Como o poema não apresenta uma linguagem religiosa fica em aberto se podemos ou não ver em seu nascimento uma espécie de consolo divino para sua dor.

Além disso, o fato de ter suportado esse sofrimento, por amor ao filho, faz dela um tipo da mãe que tem a maternidade como centro de sua vida. O eu poético não é uma mulher que luta para mudar o *status quo*, ou que condena a sociedade patriarcal que a rejeita, mas é a mãe que faz qualquer coisa pelo filho e que o tem como único consolo.

5 CONCLUSÃO

A definição do amor materno mudou ao longo da história, com o surgimento do feminismo. Apesar de diferentes pesquisadores se referirem a Mistral como uma feminista, rejeitamos essa classificação. A poeta chilena tem afinidades com as idéias defendidas pelas feministas, mas, ao mesmo tempo, diverge delas em muitos sentidos. Nesse sentido, o poema aqui estudado é um exemplo desse fato. Ele descreve uma concepção tradicional de amor materno que foi duramente combatida pelo movimento.

Por seu pouco conhecida e estudada, no Brasil, desejamos motivar outros pesquisadores a se dedicarem ao estudo da vida e a obra da escritora. Devido à importância do tema da maternidade, e dos assuntos a ele relacionados, é preciso que se continue a estudá-lo. Esperamos, assim, contribuir para o aprofundamento dos estudos da questão e da representação do amor materno na literatura em geral.

REFERÊNCIAS

- ALVES, VALTENCIR. **Pergunta retórica**. Blog Hermenêutica Bíblica, 16 dez. 2008. Disponível em: <<http://doutorhermeneutica.blogspot.com.br/2008/12/pergunta-retrica.html>>. Acesso em: 2 mar. 2016.
- BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FELIPE, Benigno León. **El poema en prosa en España (1940-1990)**. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Universidad de La Laguna, San Cristóbal de La Laguna, 1999. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=720>>. Acesso em 2 mar. 2016.
- FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- LAGE, Rodrigo Conçole. O tema do duplo em *Encuentro* de Octavio Paz. **LL Journal**, Nova Iorque, v. 11, p. 01-15, 2016. Disponível em: <<http://lljournal.commons.gc.cuny.edu/2016-1-concole/>>. Acesso em: 2 mar. 2016.
- LAGE, Rodrigo Conçole. Vida e obra de Gabriela Mistral: uma ilustre desconhecida. **Revista Alpha**, Patos de Minas, n. 16, 2015, p. 124-136. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/1021219/Vida+e+Obra+de+Gabriela+Mistral+uma++ilustre+desconhecida.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2016.
- MAGALHÃES, Mariana Moura. **Sobre a obrigatoriedade do amor materno: um estudo com mulheres que optaram por não ter filhos**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=19962@1&msg=28>. Acesso em: 1 mar. 2016.
- MISTRAL, Gabriela. **Desolación**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1951.
- MISTRAL, Gabriela. **Poesias escolhidas**. Tradução de Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1973.
- NITOGLIA, Curzio. **A paz da alma** (terceira parte: a aceitação do sofrimento). *Salve Regina*, 12 abr. 2012. Disponível em: <<http://salveregina.altervista.org/blog/arquivos/1013>>. Acesso em: 3 mar. 2016.
- ORTÍZ, Grace Prada. La educación y el feminismo en el pensamiento de Gabriela Mistral. **Ístmica**. *Revista de la Facultad de Filosofía y Letras de la UC*, Heredia, n. 13, 2010, p. 55-63. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/istmica/article/viewFile/2140/2036>>. Acesso em 4 ago. 2016.

RUBIO, *Patricia*. ***Gabriela Mistral ante la crítica***: bibliografía anotada. Santiago de Chile: Ediciones de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 1995. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0003274.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

PEÑA, Cynthia Marcela. 220 f. ***¿Águila o sol?, de Octavio Paz y Variaciones sobre tema mexicano, de Luis Cernuda***: El poema em prosa y el planteamiento de una poética. Concordancias e discordancias. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Texas Tech University, Lubbock, 2002. Disponível em: <<https://repositories.tdl.org/ttu-ir/handle/2346/12811>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

SANTOS, Lilian Engracia dos. **Aspectos do poema em prosa de Pierre Reverdy**. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-24112009-153444/pt-br.php>>. Acesso em: 2 mar. 2016.